

Masculinidades e ressignificações

Masculinidades: teoria, crítica e artes.

PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.).

São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. 352 p.

Em *Masculinidades: teoria, crítica e artes*, Fernando Marques Penteado e José Gatti reúnem ensaios teórico-críticos sobre masculinidades e suas ressignificações conceituais e sociais. A coletânea é imprescindível aos especialistas dos estudos de gênero e ao público em geral que se interessa pelas mudanças paradigmáticas da definição de masculinidade, ocorridas em âmbito cultural, social e familiar, e com maior efeito desde a década de 1960.

Os cuidados da edição se revelam em suas referências teóricas, aprofundamento em termos de pesquisa e definições, organização equilibrada dos ensaios em cada uma das suas três seções, seleção de pesquisadores e trabalhos artísticos e gravuras ilustrativas de uma nova forma de sentir e pensar a masculinidade no momento contemporâneo. A atualíssima edição, de enfoque

transdisciplinar, tem embasamento teórico nos estudos de gênero, da crítica pós-estruturalista e dos estudos culturais, áreas da crítica que nos permitem repensar definições de gênero, identidade e o lugar da cultura e das práticas sociais em suas mais diversas formas de representação: cinema, literatura, arquitetura, práticas esportivas, fotografia, entre outras produções culturais.

A "Introdução" inter-relaciona a importância dos estudos de gênero e as novas formas de ressignificação de masculinidades com vivências pessoais do próprio autor, José Gatti. Ele narrativiza os principais eventos que marcaram os estudos *queer* e de gênero nas últimas décadas. Ao mesmo tempo que a "Introdução" se fundamenta em fontes teóricas precisas, também permite ao leitor não especializado a compreensão dos modos como as masculinidades têm adquirido novos sentidos e formas de expressão. Os artigos reunidos se fundamentam em teorias pós-estruturalistas, que permitem desconstruir qualquer perspectiva naturalista e/ou preconcebida das masculinidades. A "Introdução" nos conduz por embates teóricos dos estudos de gênero, ao contrapor perspectivas tradicionais eurocêntricas sobre comportamentos e conceituações da masculinidade a comportamentos menos rígidos em culturas não ocidentalizadas, como as da África Ocidental, por onde Gatti viajou, rejeitando,

assim, qualquer aspecto naturalista associado ao termo, os construtos e as contingências culturais que o definem.

A relação intrínseca entre a teoria e a prática revela o olhar crítico dos organizadores sobre os preconceitos e práticas predatórias de sociedades divididas por binarismos (tais como: o ocidental *versus* oriental, heterossexualismo *versus* homossexualismo e masculino *versus* feminino), que têm permitido validar o primeiro termo do binômio, em detrimento do segundo. Como nos coloca Gatti, esses binarismos expressam escalas de grandeza e exclusão social e afetiva e têm movido sociedades e indivíduos em busca de uma identidade, seja ela nacional, cultural, religiosa, além de indicar orientações políticas e econômicas. Daí a necessidade de revisões dos termos que utilizamos e das práticas sociais e culturais que nos cercam. Nesse contexto crítico-teórico, o livro vai além do âmbito acadêmico, ao se apresentar como leitura atualíssima sobre as modificações e ressignificações das masculinidades em termos de vivências e em termos teóricos, e se situa como obra aberta a leitores/as diversos/as e de diferentes áreas do conhecimento.¹

O livro apresenta uma seleção de fotos, ilustrações e ensaios fotográficos inéditos, bem como um excelente projeto gráfico de Fernando Marques Penteado. As três seções temáticas, denominadas "Parte I: Literatura/Imagens", "Parte II: Políticas/Culturas" e "Parte III: Ardores/Espelhos" são entrecortadas por trabalhos criativos, como os ensaios fotográficos de Marcelo Krasilic, com seu "Os nus do verão de 2002", o ensaio de Fernando Marques Penteado, Juliano Gouveia dos Santos e Sergio Funari, "Rapsódia em Higienópolis", e "Sem Título", de Daniel Sinsel.

Os artigos teóricos e analíticos interrelacionam teoria, literatura, cinema e práticas discursivas e culturais, que incluem o uso de banheiros públicos em culturas e períodos históricos diversos, práticas esportivas, além de outros aspectos, como repressão militar. Cada uma das três seções está organizada com uma média de seis a sete artigos, com temas comuns. Na primeira seção, "Literatura/Imagens", temos ensaios teórico-críticos sobre literatura e cinema, abrangendo temas correlatos como a imagem do *cowboy* em "Retorno a Brokemback Mountain", artigo de Roy Grundman, e da representação identitária do gaúcho na literatura e no cinema argentino, no ensaio de Ádrian Melo "O gaúcho na literatura e no cinema argentinos: questionando a masculinidade". Ainda sobre literatura, temos o artigo de Richard Miskolci, "O vértice do triângulo: a paranoia de *Dom Casmurro*

e os espectros da elite brasileira finissecular", e o de Lucia Villares, "Dois corpos torturados: masculinidade e assombrações em *Angústia* de Graciliano Ramos".

"Parte II: Políticas/Culturas" reúne artigos sobre padrões de masculinidade nas artes performáticas, na indústria hollywoodiana e no aparato militar e pedagógico dos esportes. O artigo de Richard Dyer, "Rock Hudson, quem diria", abre a seção com uma análise do papel da indústria cultural sobre a persona de Rock Hudson. Dyer já é bastante conhecido do público anglófono por seus estudos sobre o sistema de estrelas hollywoodiano e estudos de recepção. Além da análise de gêneros, o trabalho de Dyer é de natureza interdisciplinar envolvendo Estudos de Gênero, Estudos Culturais e Estudos de Cinema.

A natureza interdisciplinar dessa ontologia sobre masculinidades também se revela no trabalho de Carmen Rial, "Rugbi e Judô: esporte e masculinidade". Ela analisa detalhadamente, a partir de uma perspectiva antropológica e feminista, os rituais de formação de masculinidades em dois esportes: o judô e o rúgbi, finalizando seu ensaio com uma proposta da ressignificação desses papéis a partir do ingresso de mulheres em esportes de risco.

A seção é finalizada com o artigo de José Gatti, em que ele associa gênero e sexualidade a estereótipos do corpo masculino no fisiculturismo, comparando os papéis desempenhados por Eugen Sandow (1867-1925) e Arnold Schwarzenegger.

Na terceira seção do livro, "Parte III: Ardores/Espelhos", os primeiros três artigos abordam a importância dos banheiros públicos em diferentes contextos culturais e históricos na análise de padrões de masculinidades. Em "Caça às bruxas no banheiro", William E. Jones analisa o sistema panóptico montado em banheiros públicos de uma cidade de Mansfield, Ohio, EUA, na década de 1960, por ações policiais para condenar práticas homossexuais, como eco do Macarthismo.

Já em "Banheiro dos homens", Lee Edelman analisa a arquitetura dos banheiros públicos masculinos e as relações espaciais e culturais criadas por esses espaços ritualísticos no que se refere a comportamentos e expectativas masculinas.

O terceiro texto é um fragmento do vídeo instalação "Turkish Bath/Banho Turco", do Duo Tetine, revelando a intimidade masculina de vários homens, de diferentes classes sociais, que utilizaram a instalação de uma grande sala transformada em um tipo de sauna. *Turkish Bath* foi apresentado na íntegra em diversas exposi-

ções, tais como o Festival de Música Avançada SONAR, ocorrido em 2004, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Ainda na vertente da construção do desejo masculino, temos o artigo de João Luiz Vieira, "Alair Gomes, Djalma Batista, Pedro Almodóvar: o circuito do desejo". Vieira desconstrói a censura do olhar evocada pela crítica cinematográfica autenticada por Metz e Mulvey, para ressignificar o desejo e o prazer espectral do corpo nu masculino nas imagens produzidas por Gomes, Limongi Batista e Almodóvar.

Em "Pornografia masculina: gay vs. hétero", Tom Waugh revisa seu famoso ensaio publicado em *Jump Cut*, de 1985, para recompor as diversas formas de espectralidade em filmes de pornografia, contrapondo o comportamento hetero e gay diante desses filmes.

O livro finaliza com um ensaio de Fernando Marques Penteado com uma crônica em primeira pessoa do singular, revisitando suas memórias

e relações homoafetivas, acompanhadas por comentários e ilustrações de sua produção artística, ressignificando, assim, certos comportamentos de masculinidade. No contexto editorial brasileiro, o livro se apresenta como um trabalho inédito e acessível a leitoras e leitores que buscam atualizar e aprofundar as ressignificações dos conceitos, comportamentos, teorias críticas e sensibilidades sobre masculinidades e suas novas formas de apropriação cultural.

Nota

¹ Na área acadêmica, temos publicações especializadas nos estudos sobre feminismo e *queer studies*: a *Revista Estudos Feministas* (REF), a revista *Gênero*, além de outros trabalhos devidamente referenciados no livro *Masculinidades*. Cito também a *Editora Mulheres*, um espaço editorial pioneiro de publicação na área.

Anelise R. Corseuil ■
Universidade Federal de Santa Catarina